



OS NETOS DE PEDRO CANÁRIO RIBEIRO, Pedro e Claudio, na placa de entrada da cidade (destaque) que recebe o nome do avô, considerado o comerciante mais conhecido do município

MIGRAÇÃO

Cidade dos baianos no Estado

Pedro Canário é a cidade onde os baianos mais se concentram no Estado. Até o nome da cidade surgiu de um comerciante baiano

Fabio Segantini
PEDRO CANÁRIO

Quando se vai a Pedro Canário, no Norte do Estado, rapidamente se percebe um diferencial em relação a outras cidades do Espírito Santo: o número de baianos que ali vivem se faz no-

tar rapidamente, muitos preservando suas características, como linguagem e alimentação. Até o nome da cidade, Pedro Canário, tem origem baiana. Pedro Canário Ribeiro foi um comerciante baiano que montou uma pensão e acabou se tornando tão famoso, de norte a sul do País, que o município levou seu nome. “Sem dúvida, foi um homem que contribuiu para o desenvolvimento e como forma de retribuir sua participação neste processo, escolheram o nome de meu avô para ser o nome da cidade que ele escolheu para viver”, conta o neto, Claudio Ribeiro Machado, 40. Números oficiais não existem,

mas durante as conversas é possível perceber o sotaque cantado dos baianos pela cidade. Estima-se que 60% da população seja de baianos. Tanta proximidade ajuda: Pedro Canário fica a apenas 15 quilômetros de distância da divisa com a Bahia. “Boa tarde. Onde fica o bairro Esplendor?”, perguntou a reportagem a um desconhecido no centro da cidade. “Não sei não senhor”, respondeu o homem moreno de estatura média e sotaque carregado, um baiano que tinha acabado de chegar à cidade. Itamaraju, Itabuna, Mucuri ou Itambé. Não importa a origem. Sempre existe um baiano em Pe-

dro Canário que convive em harmonia com os capixabas. “As pessoas pensam que aqui todo mundo é baiano”, diz a funcionária pública Karina da Silva Senna, 25 anos. Na bagagem dos baianos também vieram os costumes da culinária. Na lanchonete Center Lanches, a cozinheira Bianca Silva Canis, 19, contou que tem que se virar para atender pedidos dos clientes baianos. “É comum pedirem tapioca, que, mesmo não tendo no cardápio, eu preparo. Já aprendi a receita”, conta Bianca. O jeito descontraído e alegre também são marcas comuns, logo percebidas em qualquer lugar.

SAIBA MAIS

Pedro Canário está a 15 quilômetros da Bahia

- > ÁREA: 434,040 km²
- > POPULAÇÃO: 24.404 habitantes
- > EMANCIPAÇÃO POLÍTICA: 23 de dezembro de 1983
- > DISTÂNCIA DA FRONTEIRA COM A BAHIA: 15 quilômetros
- > PRODUÇÃO: mamão, abóbora, mandioca, pimenta-do-reino, laranja, maracujá entre outras. A pecuária de corte e leite também exerce grande influência.

Fonte: IBGE

Há 48 anos no município

Para o taxista, Ilson Pereira Vieira, 50 anos, destes 48 morando em Pedro Canário, “quem bebe a água do município não o abandona mais.” É assim que o baiano de Nova Brasília justifica a presença de tantos conterrâneos morando em solo capixaba. “Pedro Canário é uma cidade que recebe bem seus imigrantes. Nunca tive problemas. Trabalhei com produção de mandioca, em caldeira, motorista de trator e ago-

ra estou no táxi aguardando a minha aposentadoria, ou seja, trabalho tem, mas tem que suar a camisa”, afirma. Perto de completar meio século de residência na cidade, a mudança de vida foi uma escolha certa dos pais. “A cidade me deu tudo o que tenho. Família, filhos e trabalho. Não tenho como abandonar uma cidade que foi tão boa para mim. Meus pais venderam as terras na Bahia e vieram para cá.”

O TAXISTA
Ilson Pereira Vieira, 50 anos, mora há 48 em Pedro Canário. Seus pais venderam as terras na Bahia para morar no município. “A cidade me deu tudo o que tenho”

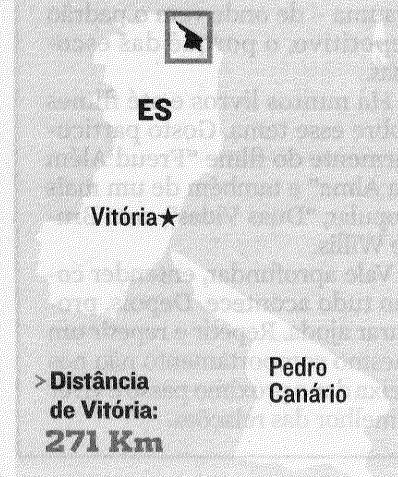


Bebês nascem na Bahia

A maioria dos baianos que moram em Pedro Canário atualmente foram gerados no próprio município, mas nasceram na Bahia. Assim, o número de baianos na cidade aumenta ainda mais. “Como não temos uma maternidade na cidade, a maioria das mulheres recorrem a hospitais da Bahia para ganhar seus filhos e acabam registrando as crianças na cidade onde nasceram, o que aumenta a estatística de que em Pedro Canário existe tantos baianos”, explica a funcionária da prefeitura de Pedro Canário que cuida do cadastro do Bolsa Família, Karina da Silva Senna. Mineiros e alagoanos são os mais encontrados na cidade depois dos baianos e dos próprios capixabas, segundo Karina. “Com a chegada das empresas, muitas pessoas de cidades pequenas acabaram vindo para o município, o que nos torna um povo misturado. Não temos mais como afirmar se somos capixabas, baianos ou mineiros, cada um tem um pouco de tudo”, disse. Para a também funcionária pú-

blica, Rose Alcântara de Oliveira, 40 anos, morar há 23 anos em Pedro Canário mesmo tendo nascido na cidade baiana de Itabuna, faz com que ela se sinta em casa. “Não senti dificuldades de me adaptar à cidade, até porque temos muitos conterrâneos aqui”, disse Rose.

Onde fica
Pedro Canário virou município há 26 anos



Capixabas querem ser registrados em cidades baianas

Enquanto muitas mães de Pedro Canário vão para a Bahia ter seus filhos e depois voltam, há aqueles que nasceram no Estado e que gostariam de ser registrados em cidades baianas. Anastácio Ramos de Almeida Ramos de Almeida, que desde a década de 50 mora em Pedro Canário, é mineiro de Mantena, e, mesmo tendo morado em Mucuri, na Bahia, tinha pavor de registrar os filhos naquele estado e trazia os pequenos para o Espírito Santo para fazer o registro. A filha mais velha - de uma família de 17 irmãos - Nilta Ramos Almeida Gama, 50 anos, nasceu em Mucuri e foi registrada em Conceição da Barra quando completou 2 anos. “Não sei o que se passava na cabeça de meu pai. Acho que era preconceito por sempre ouvir dizer que tudo o que acontecia de ruim era culpa dos baianos”, afirma.

Regional

MIGRAÇÃO

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

Comerciante da Bahia deu nome ao lugar

Pedro Canário Ribeiro tinha comércio na BR-101 e ajudou a divulgar a cidade. Acabou homenageado com o nome do município

Se perguntassem quem era Pedro Canário em Morro Dantas, quando a cidade ainda tinha esse nome, todo mundo diria que se tratava do baiano Pedro Canário Ribeiro, comerciante e dono da primeira pensão e restaurante da cidade, em 1948.

Os vendedores de passagem de ônibus que trafegavam pela região começaram a usar o nome do comerciante como referência para os passageiros que chegavam e saíam do município.

De tanto chamarem a cidade por Pedro Canário, aos poucos os visitantes foram esquecendo o verdadeiro nome do então distrito de

Conceição da Barra, e, na emancipação política, em 1983, os moradores escolheram o nome de Pedro Canário como uma homenagem para o comerciante que projetou o nome do município nos quatro cantos do país.

“A cidade de Pedro Canário pode ser considerada um marco na história da migração baiana para o município, pela sua contribuição ao desenvolvimento e receptividade com os caminhoneiros que cruzavam o País pela BR-101. Eles procuravam por Pedro Canário para se hospedar na cidade entre uma viagem e outra”, disse o historiador Nilson Coslop Guimarães.

Com seu comércio à beira da BR-101 e a cidade sendo a primeira cidade de ligação entre o sudeste e o nordeste do País, Pedro Canário se tornava referência entre uma boleia e outra dos caminhões.

“Todo mundo parava no comércio dele e pedia para que ele montasse uma pensão, com dormitório, o que acabou virando parada



O HISTORIADOR NILSON COSLOP afirma que Pedro Canário (destaque) contribuiu com a divulgação da cidade

obrigatória para os motoristas que cruzavam o Estado”, relata o neto Claudio Ribeiro Machado, 40.

Os primeiros baianos a povoar a cidade chegaram com a intenção de ganhar a vida no município mais próspero da região, que oferecia trabalho e tranquilidade.

Este foi o sonho realizado de

uma das primeiras famílias de baianos a se instalar na cidade, a família de Iracema Fonseca dos Santos, 77, que abandonou o município de Itambé, na Bahia, para morar com o marido, Luiz Alves dos Santos, na terra promissora.

“Meu pai foi um dos fundadores da cidade em que morávamos na

Bahia e segui meu marido para o Espírito Santo para construirmos o nosso futuro. Pedro Canário era uma cidade que, para onde se olhava, só existia mato. Quando cortaram a cidade com a chegada da estrada (BR-101), vimos que poderíamos conquistar os nossos sonhos”, relembra.